

Resenha

O perigo do educador popular

*Yan Caramel Zehuri**

Resenha do Livro - VASCONCELOS, Joana Salém (Org.). **Inquérito Paulo Freire: a ditadura interroga o educador**. São Paulo: Editora Elefante, 2024.

O livro reúne a reprodução fiel de dois interrogatórios que constam no Inquérito Policial Militar (IPM) contra Paulo Freire. Também conta com uma apresentação da professora doutora em história econômica pela USP, Joana Salém Vasconcelos, e uma entrevista com o professor doutor em história pela UFPE, Dimas Brasileiro Veras, que é também pesquisador da Cátedra Paulo Freire na mesma universidade. Os documentos estão relacionados às duas prisões de Freire, no Rio de Janeiro e em Recife, em junho e julho-setembro de 1964, antes de seu exílio de 15 anos.

A importância desse livro tem diferentes aspectos. Como destaca a organizadora, é uma oportunidade para exercitar a leitura de uma fonte primária, uma vez que é preciso contextualizar e ler criticamente a fonte para compreender as “inverdades que podem revelar verdades ocultas”. Isso se deve ao fato de que podemos nos deixar levar pela literalidade do texto sem compreender a “significação profunda” (FREIRE, 1981) do que está escrito. Pois não há texto sem contexto, não há palavra fora da história, de disputas políticas e de interesses em conflito. E a leitura pode ajudar a revelar essas contradições ou, ao contrário, mantê-las ocultas.

Ora, os documentos de um inquérito, onde o investigador tem o poder de intimidar o investigado, são ricos de contradições em suas entrelinhas. A iniciativa de publicá-los, ainda mais se tratando de uma

figura tão importante para a história nacional, é de grande valor. E a organizadora o apresenta de forma crítica, chamando a atenção para nuances que revelam a história que compõe a totalidade do objeto.

Como demonstra Kirkendall (*apud.* Vasconcelos, 2020, p. 7), “a história social da pedagogia de Paulo Freire permite uma compreensão mais complexa da própria Guerra Fria”. E revisitar essa história nos permite enxergar mais longe em nosso sombrio horizonte em que os educadores críticos se tornaram suspeitos permanentes. Passo agora ao texto e faço uma breve descrição dos interrogatórios para destacar alguns dos trechos que oferecem camadas profundas do “perigo” de Freire para a ordem nos anos 1960.

O primeiro interrogatório, mais longo que o segundo, data de 1 de julho de 1964, e segue mais ou menos uma sequência temática. Na primeira página se descreve o motivo para tal interrogatório: sua atuação no Serviço de Extensão da Universidade de Recife, seu “método de alfabetização” (que está escrito no inquérito sempre entre aspas) e sua ligação com comunistas e agitadores dentro e fora do país, fazendo referência direta às “atividades subversivas do movimento revolucionário de 1º de abril”. Nas cinco páginas seguintes Freire faz uma apresentação de sua trajetória, desde sua formação à sua atuação profissional, passando pelo Colégio Oswaldo Cruz, SESI, Universidade de Recife, pelo MCP, Secretaria Municipal de Educação de Recife e, por fim, pelo Ministério da Educação de Jango.

Cerca de seis páginas são dedicadas a perguntas relacionadas a outros métodos de educação e/ou alfabetização. De todas as referências, Freire descreve brevemente o que sabe de cada uma e afirma não conhecer quatro delas. Também lhe é perguntado sobre o método de ensino do Exército Brasileiro. Uma dessas referências chama a atenção, Frank Laubach, uma vez que é evocada em outra parte do primeiro interrogatório para afirmar que o método de alfabetização do educador não é original. Há, ainda hoje, quem denuncie Freire por ter plagiado Laubach, que teria passado pelo Recife em 1943 (COSTA JUNIOR, 2024).

São dedicadas nove páginas à esclarecimentos acerca do que Freire considera ser o seu método, quando o autor chama a atenção para o conceito de relações, do homem com o mundo, diferentemente de outros animais. Refere-se a quatro características desse conceito, que foram questionadas, uma a uma, pelo interrogador: temporalidade, consequência, flexibilidade e transcendência. Freire fala também de humanização, atribuindo ao analfabeto uma consciência mágica em relação a sua ação. Nota-se que suas concepções correspondem às obras do período, “Educação e Atualidade Brasileira” e “Educação como Prática da Liberdade”. Ou seja, refletem as referências nacional desenvolvimentistas e à concepção de conscientização do pensamento isebiano. A noção de humanização e de qualificação do analfabeto contém um caráter positivista, que não está presente nas obras posteriores a publicação de “Pedagogia do Oprimido” (1968).

Antes de ser perguntado acerca das características do conceito de relação, o interrogador afirma que Freire “apresentou verdadeira inocência educativa” em relação às metodologias que foram apresentadas no interrogatório (p. 48)¹. Essa parte, voltada para a descrição do método e dos conceitos que Freire utiliza termina com a afirmação, mais uma vez, de que o método de Freire não seria original. Nota-se a tentativa de desmoralizar Freire através da investida “inusitada” das perguntas de “teor filosófico”, cuja resposta é uma espécie de “aula a contrapelo” (VASCONCELOS, 2022, p. 23-24). As páginas seguintes e o segundo interrogatório são voltadas para perguntas relacionadas a sua vinculação e admiração a comunistas e às revoluções socialistas no mundo, bem como às atividades estudantis e sindicais no país. Em mais de uma passagem, é perguntado sobre o resultado da alfabetização em Angicos, sobre ter o objetivo de politização e aumento da adesão comunista.

Na apresentação, Vasconcelos chama a atenção para o fato de que o segundo interrogatório, feito em 16 de setembro, ter sido mais tenso do que o primeiro. É preciso considerar que o interrogatório policial num contexto de aumento da repressão política tem um caráter mais intimidatório do que em

momentos de relativa paz social. O primeiro interrogatório ocorre nos primeiros meses da ditadura militar. No segundo, em setembro de 1964, Freire já havia presenciado o ambiente em que muitos companheiros tinham sido presos e torturados. Sabendo do risco que corria, ele não compareceu ao terceiro interrogatório. Ele sabia que era visto pela recém implantada ditadura como um elemento subversivo. Freire foi considerado perigoso pela sua capacidade de “aumentar as fileiras marxistas” por onde passava.

Outro aspecto, que julgo ainda mais importante do que o anterior, mas também decorrente da possibilidade de que sejamos capazes de ultrapassar o primeiro, está no significado político de recolocar Freire diante dos militares para os leitores do presente. No momento em que o bolsonarismo evoca os tempos militares, sob a uma nova versão do “totalitarismo neoliberal” (CHAUI, 2020)², o livro nos provoca a pensar: quais as semelhanças e diferenças entre o perigoso Paulo Freire de 1964 e este, já não mais presente fisicamente, Freire de 2025? Temos a oportunidade de compreender melhor Freire hoje, e o livro tem um papel importante nisso, diante do confronto de visões adocicadas e citações genéricas do autor e de uma leitura que o apresenta como um perigo à ordem.

Os interrogatórios se dão num momento de transformação da sociedade e do próprio educador. Freire cita o aprendizado obtido por ele através do convívio com seu companheiro de cela, Clodomir de Moraes, dirigente das Ligas Camponesas. Anos depois, em carta a Moraes, Freire afirma estar “estudando uma série de trabalhos clássicos desse time todo”, fazendo referência direta ao marxismo, através do livro “Quer Fazer?”, de Lenin (FREIRE, 1973). Ou seja, se Freire já era perigoso quando foi acusado de ser marxista, antes de ser marxista. Recolocar esse educador-intelectual-militante em seu primeiro confronto com os militares reflete os ataques recentes a ele por parte da direita.

É preciso lembrar que a principal obra de Freire foi escrita 4 anos depois desses interrogatórios e havia elementos “perigosos” à ordem em pleno desenvolvimento. E como destaca Vasconcelos na apresentação do livro: o antidiálogo dos interrogatórios coincide com o tema do quarto capítulo do livro que o fez ser mundialmente conhecido, *Pedagogia do Oprimido*³ (FREIRE, 2018). E apesar de ser reconhecido mundialmente, Brayner (2017) afirma que o paulofreireanismo esvaziou o seu conteúdo crítico ao tornar-se uma teologia laica com sua comunidade linguística e seus santuários. Neste sentido, a análise desses documentos nos desafia a olhar para o que está além do mito de Freire, uma vez que o Itaú Cultural não julgou perigoso homenageá-lo em um evento intitulado “Ocupação Paulo Freire”, em 2021. Brayner parece nos indicar esse caminho de revisão crítica do educador para além do que se costuma dizer sobre – aliás é assim que os clássicos devem ser tratados, não é mesmo? Por que então Freire seria perigoso hoje?

Hoje a extrema direita afirma que ele é um revolucionário e, apesar de sua obra permitir e evidenciar essa leitura, são principalmente os conservadores – nomeadamente olavistas e bolonaristas, que dizem isso. E o paulofreireanismo (BRAYNER, 2017), a parte acrítica do pensamento freireano, prefere ficar com o “menos perigoso” Freire de 1964, ingênuo em relação ao Freire de 1968 e de 1974. O perigo de alfabetização que os investigadores identificam, não é pelo letramento em si, mas o caráter político de sua pedagogia, o que fica bem claro nos dois interrogatórios do livro.

Vale mencionar que até então Freire defendia uma politização alinhada aos valores liberais, como defendido pelo movimento da Escola Nova, o que mudaria radicalmente nos anos seguintes (ZEHURI, 2024)⁴. O conceito de alfabetização “crítico da visão ingênua”, elaborado no início dos anos 1970 está ligado à noção freireana de páscoa, a morte do pequeno burguês e o nascimento do militante, todos utilizados apenas posteriormente a 1968 (FREIRE, 1981).

Ele ainda não havia “morrido” nos interrogatórios, por isso não teria ainda vivenciado a sua páscoa. Ninguém pode falar da morte antes de experimentá-la: Freire o faz ao falar da páscoa como morte do pequeno-burguês e o nascimento do militante. Mas uma coisa é certa: aqueles militares estavam preparando essa morte e a ressurreição de Freire, que viria não só a criticar o antidiálogo, crítica essa que se estende às organizações de esquerda com práticas conservadoras. Ele sintetizou a experiência de educação-organização, na forma de um programa estratégico. A pertinência do livro é trazer à tona o momento dessa crucificação - pra explorar a metáfora pascal, justamente quando o espectro de seu mito foge às fronteiras da ordem e ressurge como um perigo.

Há muito mais a ser analisado no livro, que possui muitos elementos históricos que podem ser comparados com outras fontes, como a própria obra de Freire, para compreender a história do período e o papel do educador nesse contexto. Os interrogatórios evidenciam a explosividade e a profunda relação que se construiu naquele período entre a democracia cristã e o marxismo, culminando na Teologia da Libertação. Compreender o motivo para que tal manifestação filosófica e política seja considerada de tal maneira perigosa é fundamental.

A compreensão do presente e as respostas aos desafios de nosso tempo exigem uma leitura crítica de Freire, dos atuais “perigos” evocados não só pela direita bolsonarista, mas também pela direita internacional⁵. Para essa tarefa histórica fundamental o livro oferece uma excelente oportunidade e nos convoca a (re)conhecer Paulo Freire e os métodos de organização do oprimido, dos trabalhadores e das suas organizações na América Latina e no mundo.

***Yan Caramel Zehuri** é Mestre em Ciências Políticas e Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor da rede estadual Paulista e Educador Popular.

Contato: yancaramel@yahoo.com.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0778957928201412>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8311-0448>

Resenha recebida em: 01/06/2025
Aprovado em: 24/09/2025

Como citar este texto: ZEHURI, Yan Caramel. O perigo do educador popular. **Perspectivas Sociais**, Pelotas, vol. 11, nº 02, e1129282, 2025.

Referências Bibliográficas

ALLMAN, Paula. **On Marx: An Introduction to the Revolutionary Intellect of Karl Marx**. Sense Publishers: Rotterdam, 2007.

AU, Wayne. The Dialectical Materialism of Paulo Freire's Critical Pedagogy. **Revista Reflexão e Ação**, v. 25, n. 2, p. 171-195, 2017.

BRAYNER, Flávio Henrique A. “Paulofreireanismo’: instituindo uma teologia laica?” **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 70, 2017.

CHAUÍ, Marilena. O Totalitarismo Neoliberal. **Anacronismo e Irrupción**, v. 10, n. 18, p. 307-328, 2020.

COSTA JUNIOR, Irapuan. “Frank Laubach e Paulo Freire: o plágio que atravessa fronteiras”. **Jornal Opção**. Setembro de 2024. Acessível em: <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/contraponto/frank-laubach-e-paulo-freire-o-plagio-atraversa-fronteiras-634869/>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

_____. **Educação e Atualidade Brasileira**. 1959. Tese de Concurso para a Cadeira de História e Educação, Recife.

_____. **Educação como Prática da Liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

_____. **Carta de Paulo Freire a Clodomir Santos de Moraes Durante Exílio**. Acervo Pessoal, sem referência editorial. Datada de 1973.

_____. **Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1981.

GREEN, Elliot. What are the most-cited publications in the social sciences (according to Google Scholar)? **Blog of London School of Economics and Political Science**. Acessível em: <https://blogs.lse.ac.uk/impactofsocialsciences/2016/05/12/what-are-the-most-cited-publications-in-the-social-sciences-according-to-google-scholar/>.

HADDAD, Sérgio. Opção radical pelo oprimido. In: GADOTTI, Moacir (Org.). **40 olhares sobre os 40 anos da pedagogia do oprimido**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008.

KIRKENDALL, Andrew J. **Paulo Freire & the Cold War Politics of Literacy**. University of North Carolina Press, 2010.

LINDSAY, James. **The Marxification of Education: Paulo Freire's Critical Marxism and the Theft of Education.** New Discourses. Orlando, 2022.

MANFREDI, Silvia. **Política: educação popular.** São Paulo: Editora Símbolo, 1978.

MCLAREN, Peter. **Che Guevara, Paulo Freire and the Pedagogy of Revolution.** Rowman & Littlefield, 2000.

PIZZOLATO, Nicola; HOLST, John D. Gramsci, Politics and Pedagogy: An Interpretative Framework. **Critical Studies of Education**, vol 5, 2017.

STÁNCZYK, Piotr. The critique of the critical critique of critical pedagogy: Freire, Suchodolski and the materialist pedagogy of emancipation. **Critical Education**, 12(4), p. 1-24, 2021.

SUORANTA, Juha. Paulo Freire: um educador marxista. **Revista Educere Et Educare**, Vol. 18, N. 46, 2023.

_____. Paulo Freire: meu mentor revolucionário. **Revista Vagalumear**. V. 01, N. 01, 2021.

VASCONCELOS, Joana Salém. Apresentação. In VASCONCELOS, Joana Salém (Org.). **Inquérito Paulo Freire: a ditadura interroga o educador.** São Paulo: Elefante, 2024.

_____. Paulo Freire e a Guerra Fria. **Revista Mouro**, Ano 11, n. 14, 2020.

ZEHURI, Yan Caramel. Pedagogia do Oprimido: questões de organização revolucionária. In: TORRES; SILVA; ALMEIDA (Orgs.). **XII Colóquio Internacional Paulo Freire: Educação Libertadora – Esperanças Para a Reconstrução do Brasil.** Recife: Centro Paulo Freire, 2024.

Notas

1 A tentativa de desqualificação de Freire nessa passagem sucede a definição que Freire dá ao “método rigorosamente analítico sintético”, que já havia sido atribuído por ele a Laubach, o que parece ter provocado uma insegurança ou incômodo e foi lido como uma prepotência pelo seu interlocutor.

2 Chauí (2020) argumenta que o neoliberalismo é uma nova forma de totalitarismo. A partir de conceitos como o de biopolítica, que explicam o enraizamento dos mecanismos de mercado na sociabilidade de nosso tempo, argumenta-se que a existência um regime totalitário não depende mais de um líder de massas para existir. Apesar de Bolsonaro ser um representante de um movimento reacionário com algum apelo à violência armada, sua aparição se insere num contexto

neoliberal em que a ideologia totalitária vai além de sua manifestação particular. Ou seja, há uma combinação de um totalitarismo sem liderança – pois independe de Bolsonaro para existir, e elementos que remetem ao totalitarismo clássico do fascismo. A experiência de Freire emerge num contexto de transição entre esses períodos e a oposição à sua figura se dá nesse contexto neoliberal, oferecendo uma conjunto de contradições ricas para pensar as continuidades e rupturas propostas por Chauí. O conceito de totalitarismo neoliberal revela uma menor exigência de apelo à violência pelo seu caráter fortemente ideológico, que reforça o individualismo de maneira altamente violenta a nível simbólico e que legitima a violência social sob um verniz democrático que reforça a meritocracia e a competitividade da biopolítica.

3 Segundo Green (2016), *Pedagogia do Oprimido* é o livro mais citado na área de educação, mundialmente. E o terceiro mais citado nas humanidades. Os dados foram obtidos através do Google Acadêmico.

4 Segundo Kirkendall (2010) e Manfredi (1978), ele não mudaria suas concepções, nacionalistas e desenvolvimentistas, bem como o conceito vago de classe social que utilizava. Contudo, a análise das obras anteriores e posteriores a 1968 revelam o contrário. Me aproximo da interpretação de autores que reforçam filiação marxista da obra freireana (Pizzolato e Holst, 2017; Allman, 2007; McLaren, 2000; Stánczyk, 2021; Suoranta, 2023, 2021; Au, 2017; Haddad, 2008).

5 Lindsay (2022, p. 8) afirma que “O mecanismo e a descrição desse gigantesco roubo educacional podem ser resumidos em uma única frase: *Nossos filhos estudam nas escolas de Paulo Freire* [...] teoria de educação que domina todas as faculdades de educação da América do Norte” (destaque do autor, tradução livre do inglês).